
PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

**REVISTA DE GEOGRAFIA
(UFPE)**

www.ufpe.br/revistageografia

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

O RIO COMO ELEMENTO DA VIDA EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS

Marcela Arantes Ribeiro¹

¹ *Mestre em Geografia, Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinar de Cultura e Modo de Vida Amazônico da Universidade Federal de Rondônia. Email: mar_arantes@hotmail.com*

Artigo recebido em 05/01/2012 e aceito em 09/09/2012

RESUMO

Este texto apresenta uma determinada característica do modo de vida ribeirinho abordando a relação dos moradores das comunidades ribeirinhas de Porto Velho/RO com o rio. Essa relação apresenta-se como característica da cultura dos grupos sociais que vivem a margem dos rios da Amazônia. Por meio de entrevistas gravadas obteve-se as narrativas relatando os laços afetivos, subjetivos e de sobrevivência do ser humano com os elementos da natureza, considerando as conseqüências dessa relação sobre a vida e relação do ribeirinho com o rio. Diante disso, abre-se uma discussão no campo da Geografia Humana e Cultural abordando a construção social dos grupos e das pessoas, nesse caso dos grupos ribeirinhos. Uma pesquisa desenvolvida com as metodologias da História Oral e do Espaço Vivido, o que permite fazer uso de leituras fundamentadas na Geografia Cultural para analisar e interpretar a organização espacial do rio pelo viés da cultural impulsionando a temática de representações para além do campo do visível navegando pela subjetividade da cultural ribeirinha.

Palavras-chave: Rio, Espaço, Cultura, Ribeirinho.

THE RIVER AS PART OF LIFE IN COASTAL COMMUNITIES

ABSTRACT

This paper addresses one particular feature of the coastal way of life by addressing the relationship of the residents of riverside communities of Porto Velho / RO with the river. This relationship is presented as typical of the culture of social groups living rivers of the Amazon. Through interviews we obtained the narratives chronicling the emotional ties, subjective and survival of human beings with the elements of nature, considering the consequences of this relationship on the life and relationship of the river with the river. In this perspective, a discussion in the field of Human Geography and Cultural addressing the social construction of groups and individuals, in this case the riverine groups. A survey developed with the methodologies of oral history and the lived space, which allows you to make use of readings grounded in Cultural Geography to analyze and interpret the spatial organization of the cultural bias of the river by pushing the theme of representations of the field beyond the visible browsing by the subjectivity of cultural riverside.

Keywords: River, Space, Culture, Riverside

INTRODUÇÃO

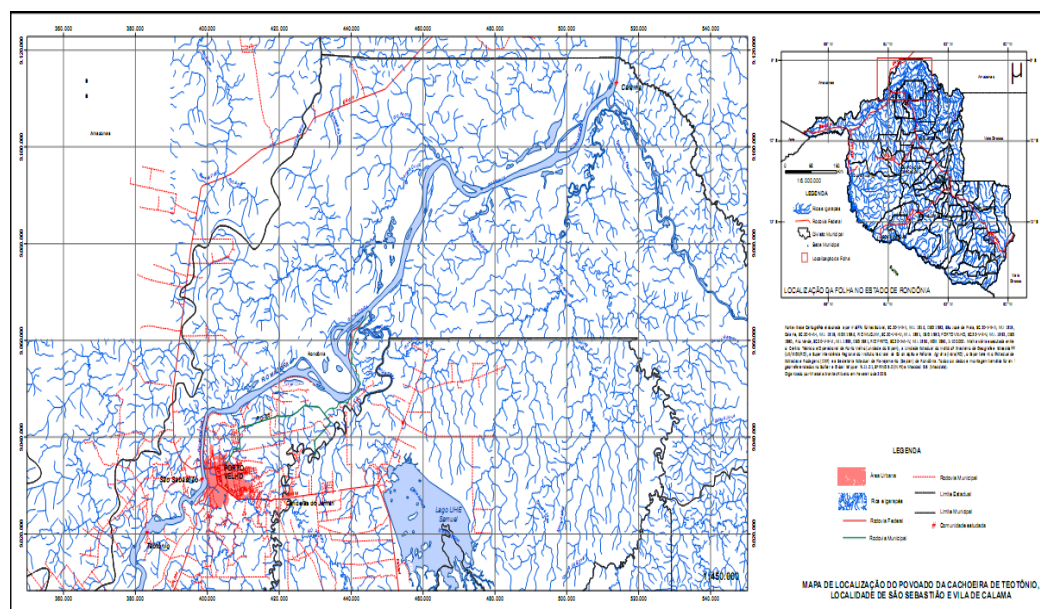
Esse texto apresenta uma análise diferenciada na relação do ser humano com um elemento específico da natureza: o rio, a partir da construção sócio-cultural, enfocando o modo de vida ribeirinho, identificado nas entrevistas realizadas como moradores e moradoras das comunidades ribeirinhas da Cachoeira do Teotônio, São Sebastião e Calama no município de Porto Velho/RO.

Observando o Mapa 1 de localização das comunidades ribeirinhas acima, percebe-se que as duas estão na

margem direita e São Sebastião está na margem esquerda do rio, próximo ao centro da cidade de Porto Velho.

Por meio da convivência, proporciona novas vertentes desses costumes e valores que caracterizam o modo de vida ribeirinho, como a humanização do rio e da mata com base no desenvolvimento de um conhecimento específicos desses elementos.

Mapa 01 - localização das comunidades ribeirinhas.



O ribeirinho tem seu universo marcado pela presença da mata e do rio, elementos que estão cotidianamente em

sua vida. Essa convivência é um elo que se fortifica a cada amanhecer, quando seu olhar volta-se para o rio e adentra a mata.

Possui uma compreensão própria desses elementos que proporciona o modo de vida no Rio Madeira, um modo de vida marcado pela relação subjetiva de valor para com o lugar.

Essa relação entre o homem ribeirinho, as águas e a mata é o principal fio condutor do seu cotidiano. Esta ligação é representada nas atividades de subsistência, como a caça, as plantações de hortas, a construção de moradias e principalmente a pesca, quando apresenta a organização da plantação conforme o movimento do rio, as moradias são construídas a margem deste organizando o espaço das localidades, identifica-se uma relação muito particular e envolvente, há uma relação do sentimento de gostar deste grupo social para com a natureza e em prol dela que possam garantir sua sobrevivência.

A metodologia da História Oral (MEIHY, 2005) foi aplicada considerando as etapas de construção da História Oral: elaboração do projeto; gravação (entrevista livre); confecção do documento; análise; e, devolução do produto. Interligando e aplicando com a concepção de Espaço Vivido (FRÉMONT, 1980).

Tais escolhas ocorreram pelo uso da entrevista como meio de coleta de informação e a necessidade de compreender a percepção que o homem

ribeirinho tem do seu lugar bem como as relações no seu espaço possibilitando compreender as relações no espaço ribeirinho enfocando a afetividade e os elementos culturais representativos na relação homem/meio, possibilitando ainda a interpretação subjetiva dessa relação.

As narrativas foram interpretadas considerando o entrelaçamento das relações do ser humano com o seu espaço, seu lugar e as representações existentes na sua cultura, no caso a ribeirinha. Possibilita ainda preservar e trabalhar com a *fala* na íntegra do narrador, mantendo os relatos de suas experiências de vida, o que facilita para compreender as relações deste com o lugar.

Para tais compreensões considera que, “os geógrafos devem procurar compreender a concepção de mundo que existe no coração do grupo ou da sociedade que estejam estudando.” (BONNEMAISON, 2002, p.102). Dessa forma compreende-se que todos os lugares apresentam representações sócio-culturais e cada uma delas correspondem a determinados símbolos e significados que o ser humano cria para se legitimar e identificar no seu lugar.

Neste sentido, faz uso da Geografia Cultural, por proporcionar a possibilidade de compreender o espaço e o lugar através de uma determinada cultura, a partir de

suas abordagens compreende que uma de suas tarefas é possível compreender “a ordem do lugar é fruto do pensamento organizado.” (LIMA, 2008, p. 234). Logo, todo lugar apresenta-se como reflexo da cultura de um grupo.

Neste sentido, trabalhou a o momento em que o lugar se materializa, isto por meio da fala e expressão do narrador, refletindo as experiências vividas ligando o homem a ele e o sentimento de pertencimento.

GEOGRAFIA E REPRESENTAÇÃO

As interpretações das narrativas estão fundamentadas na Geografia Cultural, por considerar que essa possibilita compreender o espaço a partir das representações culturais atribuídas aos elementos naturais que compõe o espaço e fazem parte da relação subjetiva entre o ser humano e meio.

Nesse sentido torna-se possível analisar os fragmentos narrativos que demonstram o rio enquanto representação cultural manifestada em um determinado espaço e que expõe as relações sociais existentes no grupo.

A Geografia Cultural possibilitou uma análise diferenciada para a relação do ribeirão com seu espaço, um olhar da organização do seu lugar e valores

atribuídos a esse e fundamentado na cultura e nas relações sociais do grupo.

Compreende-se então que o espaço é um reflexo das ações culturais do ser humano. Sendo assim, pode ser analisado e apresentado por esta perspectiva da Geografia, isto é possível porque os geógrafos culturais, compartilham o mesmo objetivo de descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações produzidas por nossa existência no mundo da natureza e, sobretudo, os significados que a cultura atribui à sua existência e às suas relações com o mundo natural. (COSGROVE, 2000, p.34)

Uma vez que pesquisa geográfica com enfoque cultural está fundamentada nos significados e valores que o indivíduo atribuiu a sua existência ao lugar, bem como as relações sociais e espaciais com o meio. Ao compreender as relações entre o ser humano e seu espaço, enfocando as transformações culturais vivenciadas e sua influencia na organização sócio-espacial de um determinado grupo social ou mesmo de uma sociedade.

Nesse sentido, o espaço ribeirão, assim como outros espaços, pode ser compreendido pela perspectiva da construção cultural, bem como seus elementos culturais, logo as narrativas ribeirinhas são apresentadas e interpretadas a partir de suas representações culturais.

Para tanto compartilha da conceituação de cultura em Geertz (1989, p. 15), uma vez que esse autor afirma ser “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias”.

Ao discorrer esse autor aborda a discussão no momento que enfatiza que as teias são feitas de significados, sendo as teias criadas pelo homem. Então, os significados também são criações humanas. O ser humano significados e valores às ações e pensamentos que vivenciamos no decorrer da vida.

Compreende-se ainda que os grupos sociais se organizam e criam as ordens sócio-culturais que mantêm as relações seja de um grupo ou de uma sociedade.

Ressaltando que em Weber (1982) a sociedade é apresentada como algo sujeito a leis regulares; estas leis são moldadas pela cultura, economia e política de cada sociedade, não são necessariamente leis judiciais, existem outros tipos de regras e leis subjetivas que organizam e mantêm a unidade social, em melhor descrição,

Sociedade é todo grupo de pessoas que vivem e trabalham juntas durante um período de tempo suficientemente longo para se organizarem e para se considerarem como

formando uma unidade social. (LINTON, 2000, p. 97)

Logo, o homem faz parte de uma sociedade e que nela existem diferentes grupos sociais e cada um deles apresenta uma organização social e cultural específica. Enfatiza-se que a maneira de organizar e pensar a vida comum aos integrantes de um determinado grupo social favorece a socialização de cada indivíduo ao seu grupo, bem como as relações espaciais dos mesmos.

No sentido de compreender a organização social, Claval (1979, p. 39) afirma ser a vida social “feita de esforços para assegurar a subsistência de todos, socializar os jovens, transmitir a cultura, enriquecê-la ou adaptá-la a novas necessidades”. Esses esforços estão ligados aos fatores comuns que proporcionam a união cultural do grupo; contudo, o sujeito precisa se identificar como integrante de um grupo.

A cultura com seus significados¹ e significantes² movimenta o agir humano, não somente na organização espacial materializada, mas também na organização social e cultural. Assim,

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos

¹ O significado para o geógrafo está relacionado com a vivência e as relações do sujeito com o espaço. (SAHR, 2007)

² Significante compreende a interpretação acadêmica sobre a relação do sujeito com o espaço. (SAHR, 2007).

valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulho no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. Não é, portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. (IDEM, 2007, p. 63)

Compreende-se a cultura na complexidade de seu conceito, por ser amplo no momento que, corresponde os comportamentos, saberes, técnicas e gerações. Em virtude do acúmulo de tudo isso durante a vida do indivíduo e mais ainda, quando percebe-se que não existe uma homogeneidade em todas essas características e que cada pessoa que faz parte de uma sociedade ou grupo apresentando diferenças quanto ao desenvolvimento das marcas culturais.

Apresenta a cultura como uma herança que influencia na construção social das relações de cada grupo, assim, a criança crescerá e trocará relações com o grupo em que vive e destas relações ocorrerá trocas culturais. Considera-se a cultural dinâmica e conseqüentemente o espaço também será.

Toda cultura está inserida em um processo social-histórico, tendo suas raízes num passado longínquo onde, muitas vezes, para compreender uma determinada

cultura, buscamos os mortos e os deuses do grupo, acontecimentos que influenciaram nas relações culturais entre as pessoas.

Essas relações culturais podem ser identificadas como as representações criadas pelos grupos sociais que mantêm por gerações a ordem sócio-cultural de convivência. Nesse sentido, Gil Filho (2008, p. 24), apresenta a discussão sobre representação compreende que, muito mais do que uma observação ou opinião sobre o mundo, o ato de representar é a expressão de uma internalização da visão de mundo articulada que gera modelos para a organização da realidade.

Representação é uma visão de mundo, uma possibilidade de imagem do ambiente e que cada grupo cria seus atos de representar - suas representações - diferenciando, desta forma, as organizações e relações do homem com seu espaço.

Considera-se ainda que a visão de mundo como uma forma de conhecimento muito específica e individual uma vez que cada pessoa adquire o conhecimento conforme sua vivencia e interpretação do que viveu.

Representações semelhantes são fatores de união entre sujeito e grupos sociais, elas, com todo o simbolismo que as envolvem dão sentido à existencia do espaço humanizado. Observa-se, ainda, as

mudanças e surgimento de novas representações, uma vez que o tempo e espaço vivido pelo ser humano sofrem constantes transformações, conforme a necessidade de sobrevivência de um grupo social.

As representações de um grupo são fundamentais para compreender as estruturas do espaço por elas produzido, praticado, organizado e administrados, pois estão diretamente ligadas as necessidades de sobrevivência do grupo.

No caso do modo de vida ribeirinho o rio e a mata ultrapassam o limite da materialização e ganham representações culturais para o grupo, como consequência podemos perceber que essa apreensão não homogênea do espaço vivido é percebida pela naturalidade como o pescador vivencia o rio, mas que para ele é fragmentado, em vários lugares é tofofóbico, isto é, não deve freqüentar por causa de ameaças naturais ou sobrenaturais a vida do ribeirinho.

Temos ainda com Tuan (1980) uma possibilidade de compreender a relação do ser humano com o meio onde vive pelo viés da percepção, valores e atitudes que este desenvolve no seu lugar, abrindo caminhos para compreender a cultura, com seus elementos simbólicos, presentes e caracterizando o espaço de vivência de um grupo. Dessa forma, podemos perceber que

os ribeirinhos do Rio Madeira apresentam representações em seu modo de vida que demonstram uma relação subjetiva e valorativa com a mata e o rio.

Por meio da cultura, dos elos afetivos e das experiências vividas, o ribeirinho constrói e vivencia seu lugar, por isso, podemos identificar as representações sociais e culturais existentes em cada grupo pesquisado. As narrativas ribeirinhas demonstram uma relação do homem com o grupo, com o rio e a mata, elementos inseridos em seu modo de vida, conforme aponta Fraxe (2004), Silva (1994), Souza (2002) e Wagley (1988), demonstra ainda a existência de uma relação sustentada no imaginário (LOUREIRO, 1995), nos significados, valores e representação dos seres encantados para o ribeirinho e sua cultura.

Na sua vida na mata e nos rios atribuiu sentido e valores ao mundo a sua volta, desenvolvendo uma relação específica com o espaço amazônico e vêm moldando esse com características econômicas, políticas, sociais e culturais correspondentes ao modo de vida desses caboclos, um modo de vida de interação com a mata e o rio, nesse sentido,

O caboclo humanizou e colocou a natureza à sua medida. Pelo imaginário, pela estetização, pelo povoamento mitológico, pelo universo dos signos, pela intervenção na

visualidade, pela atividade artística, ele definiu sua grandeza diante desse conjunto grandioso que é o “mundo amazônico” (LOUREIRO, 1995, p. 59).

Assim, com a floresta, o caboclo, bem como outros grupos da Amazônia, desenvolveu uma relação próxima, a tal ponto de atribuir vida e sentidos característicos do ser humano. Diante da necessidade de sobrevivência o caboclo dominou a floresta conforme seus interesses e aprendeu a viver nela.

AS NARRATIVAS

Intercalando as concepções de Armand Frémont (1980) na obra “A Região, Espaço Vivido” e José Carlos Sebe Bom Meihy (2005) na obra “Manual de História Oral”, trabalhou a partir da A partir da geografia cultural, abordamos os sentimentos, valores culturais e experiências vividas do homem com o seu espaço. Neste trabalho, a Geografia Cultural possibilitou um olhar diferenciado para a relação do ribeirinho com seu espaço, um olhar da organização do seu lugar e valores atribuídos ao lugar fundamentado na cultura do grupo.

Esse olhar foi possível por compreender que o espaço é um reflexo das ações culturais do homem. Sendo assim, pode ser analisado e apresentado

por esta perspectiva da Geografia, isto é possível porque os geógrafos culturais, compartilham o mesmo objetivo de descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações produzidas por nossa existência no mundo da natureza e, sobretudo, os significados que a cultura atribui à sua existência e às suas relações com o mundo natural. (COSGROVE, 2000, p. 34)

Toda pesquisa geográfica com enfoque cultural está fundamentada nos significados e valores que o indivíduo atribuiu a sua existência ao lugar, bem como as relações sociais e espaciais com o meio, ao compreender as relações entre o homem e seu espaço, enfocando as transformações culturais vivenciadas e sua influência na organização do espaço de um determinado grupo social.

Com a concepção de que a cultura molda e organiza o espaço a partir das experiências vividas, apresenta as narrativas direcionando para a relação cultural do ser humano com seu espaço.

Este trabalho foi desenvolvido com moradores antigos em relação ao tempo de residir de três localidades ribeirinhas, o acesso aos moradores foi possível em virtude de pesquisas já realizadas e a possibilidade de espacializá-la.

RESULTADO E DISCUSSÕES: O RIO NA VIDA RIBEIRINHA

A necessidade de sobrevivência interligada a vida ribeirinha ao rio favorecendo o surgimento de sentimentos afetivos. Nesse sentido, analisa os seguintes pontos subjetivos envolvendo o rio apresentados nas narrativas/entrevistas desse grupo social:

O rio como elemento de representação geográfica

“Porque eu gosto daqui... eu criei... e criei meus filhos todo na beira do rio olhando para essa água comendo um peixinho feito na hora pega ai agente limpa cozinha... frita... assa é muito gostoso...”
(Dona M. R. D. S.).

Neste fragmento, percebe-se que “o rio não é meramente espaço físico, móvel, mutante, mas lugar de seu trabalho, de sua sobrevivência, e sobre o qual dispõem de grandes conhecimentos acumulados.” (FRAXE, 2004, p.48). A partir do momento que a mãe cria seus filhos na beira do rio ensinando-os também a fazer dele seu meio de sobrevivência seja a pesca para venda ou para o consumo, faz com que esse torne-se parte da vida cotidiana da família.

O rio está presente de várias formas na vida ribeirinha, seja como o lugar da

pesca ou como o meio pelo qual transporta coisas e pessoas. Na obra “Cultura Amazônica: uma poética do imaginário”, Loureiro (1995, p. 202) apresenta o rio como sendo “o lugar onde a água é água por excelência. O rio é de água. O rio está vestido com a pele das águas”. No movimento do rio encontramos o limite dos sonhos, afeição, do querer e aflição.

Olhar para o rio proporciona calma e reflexão, ou seja, o rio tornou-se um elemento constituinte do espaço e da cultura ribeirinha, estando diretamente ligado com o psicológico dos moradores.

A presença deste elemento em todo o processo de vida dos moradores, evidencia-se esta situação na fala de Dona M. R. D. S.,

“Meus filhos nasceram e se criaram no rio...”

E continua falando do rio,

“criei meu filhos bebendo essa água usando... pra tudo... era bebendo... tomar banho e não tenho nenhum aleijado... só de feiúra... não tenho não... e não eram doentio não... criei meus filhos nesse rio...”

Mais uma vez, percebe-se o rio como um elemento representativo na vida de Dona M. R. D. S., a gratidão pela água oferecida por ele a qual, quando necessário, saciam a sede, tomam banho,

lavam a roupa, molharem as plantações, como a narradora expõe “para tudo”. Desta forma, o rio é, local de trabalho, lazer, meio de comunicação e contemplação. Como a comunidade ainda não possui água encanada, é no rio que se banham e pegam água para o consumo de casa. É do rio que tiram o sustento da família, pois a principal atividade produtiva dos moradores é a pesca. (FIGUEIREDO, 2002, p.112)

Além de registrar a presença do rio nas ações diárias, há um destaque para a relação de gerações na fala da narradora. Seus filhos nascerem e se criaram próximo ao rio. Logo, este faz parte do todo o processo de formação de seus filhos, desde a primeira infância, a segunda infância, a adolescência e a fase adulta (CLAVAL, 2007). Fazendo parte do lugar ribeirinho para esta narradora.

A relação identificada entre os narradores e o rio ultrapassa os limites da materialização, não é apenas um elemento que favorece a sobrevivência do grupo, com o peixe e a água, está presente na organização espacial das comunidades uma vez que as casas são construídas em volta dele. Através dele, os moradores navegam para visitar outras localidades, lugar das representações da cultura ribeirinha, o Boto e a Cobra-Grande. Diante de tudo isto, cria-se uma relação subjetiva do narrador com o rio.

Por isso, ouvimos, durante o trabalho de campo, falas como,

“o rio... gosto... gosto... às vezes eu vou ate lá...”.

E continuam falando do rio,

“gosto de pular na água... de primeiro nós pulava de mais nesse rio era uma bênção... não sei porque condenaram a água do rio...” (Dona M. R. D. S.).

O rio, neste caso, apresenta-se não apenas como um lugar em um ponto determinado, mas como um elemento presente da vida da narradora. O “pular na água” reflete o momento de vivência da narradora com o rio, o sentimento de gostar ligado a uma brincadeira infantil, “é nas águas do rio que se divertem, crianças e adultos e é através do rio que se comunicam com o mundo exterior” (FIGUEIREDO, 2002, p.112). Percebe-se, então, que o rio é um elemento presente na vida dos moradores das localidades ribeirinhas.

A relação dos narradores com o rio é compreensivo no momento em que pensamos que “quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente.” (TUAN, 1983, p. 21). Mais do que conhecê-lo intimamente, podemos atribuir

a ele valores e sentimentos como se fosse humano, ou seja, humanizá-lo.

As águas refletem o viver ribeirinho, um viver que não está limitado à compreensão de morar a beira do rio, mas sim de vivenciar o rio. Desta forma, encontramos falas como esta,

“eu vou ficar feliz só aqui na beira do rio”

E mais,

“eu não sei morar num cantinho e olhar pra um lado e outro e não ter o rio e não é esse negocio de igarapé não... eu gosto de água...”
(Dona M. S. P.)

A felicidade apresenta-se como um sentimento ligado à situação de morar na beira do rio. Por isso, identificamos que “na frente de cada localidade, situada à beira do Rio Madeira existe sempre um banco de madeira que permite aos moradores observarem o rio” (FIGUEIREDO, 2002, p.112). Desta forma, os moradores, em especial nossa narradora, sentam-se em frente ao rio, e olhando para ele conversam, trocando relações e decisões para o grupo, quando necessário, um ponto de encontro dos moradores com a presença do rio.

A afetividade com o rio faz presente em vários momentos da fala dos narradores, como neste caso onde a

narradora justifica o porquê de morar na beira do rio,

“mais é pra nós que gostamos de água... do seu barulho... fico parada hora e hora só escudando esse chuá... chuá das águas...”
(Dona M. S. P.)

Assim, morar na beira do rio para a narradora não significa somente um meio de satisfazer suas necessidades de alimentação, ele torna-se um lugar que é atribuído sentimento e afetividade para aqueles que vivem na comunidade.

Percebe-se então que “para estas populações, o rio não é apenas um elemento do cenário ou paisagem, mas algo constitutivo do modo de ser e viver do homem” (SILVA e SOUZA FILHO, 2002, p. 27). Ou seja, mais uma vez o rio não é um elemento estático, um simples “fornecedor” de alimento, mas sim um elemento presente e característico de um modo de vida ribeirinha.

O rio: fundamental para sobrevivência

Para além de um elemento físico e parado, encontramos, no reflexo das águas, um lugar humanizado, vivenciado e produzido para acolher a vida ribeirinha. As águas que formam o rio representam a vida que há nele, os perigos que estão nas profundezas do rio Madeira. Do rio vem o peixe, principal alimento das comunidades

ribeirinhas e de fácil acesso, esta situação faz como este elemento natural torne-se representação social por ser o lugar da pesca, morar próximo ao rio significa não passar fome.

Neste sentido, Dona M. S. P., falando sobre o rio afirma,

“é muita gente que essas águas dá o de comer...”

Sendo o rio o lugar do peixe e este um dos principais elementos da alimentação ribeirinha, a narradora atribuiu ao rio o ato de doar a comida. Logo, uma afetividade de gratidão e agradecimento para com o rio.

O rio ainda é um elemento tão marcante na vida ribeirinha que podemos identificar o tempo amazônico “marcado pelo movimento das águas, das enchentes; as viagens não são contadas por quilômetros percorridos, mas por horas de viagem deitados na rede” (SILVA e NASCIMENTO E SILVA, 2002, p.69). O movimento das águas do rio funciona como marcado do tempo, como fertilizantes naturais para o solo, seu movimento proporciona o balançar da rede durante as horas de viagens pelos rios da Amazônia.

Identificamos, predominantemente nas narrativas, diferentes experiências

envolvendo o rio, destacamos uma, em que a narradora diz:

“o rio já levou uma parte como daqui naquele casarão... o rio Madeira veio e já comeu tudo...”
(Dona M. R. D. S.).

Neste fragmento, percebe-se o quanto o rio pode representar pontos opostos. Dá mesma forma que ele oferece o alimento mantendo a sobrevivência do grupo ele desbarranca o lugar levando embora parte de algo que a comunidade construiu ou plantou, “o rio torna-se, portanto, como uma coisa viva da qual tudo pode vir, como de tudo o que é vivo, de tudo o que tem vida” (LOUREIRO, 1995, p.203). Para a narradora, o rio Madeira representa algo forte e supremo, que se impõe pela força e fúria, precisa ser respeitado, admirado e vivenciado.

Ainda neste sentido, Dona D. M. M. afirma,

“o rio é poderoso tem força bota gente pra correr só fica aqui quem o rio deixa...”.

Isso torna-se possível quando sabemos das alterações do nível da água do rio Madeira, situação que se apresenta como “fator que limita o tamanho das roças, porque a enchente força uma colheita rápida que depende da mão de obra familiar disponível” (SILVA e SOUZA FILHO, 2002, p.35).

A fúria da água quando branda proporciona uma boa colheita, porém em estado oposto pode representar o fim da colheita. Por isto, compreende-se o quanto o rio é poderoso; é como se ele escolhesse quando terá ou não a colheita. Os moradores que não sabem vivenciar o rio deixam a comunidade ficando somente aqueles que o “rio permite”.

O deslocamento: perdendo o rio ribeirinho

O rio apresenta-se como um elemento tão importante na vida ribeirinha que na fala de Dona M. R. D. S., no momento que expõe o fato de ter que sair da Cachoeira por causa da construção de uma Usina Hidrelétrica por Furnas, deixa claro que deseja morar ainda na beira do rio, tanto que, segunda a narradora, quando a empresa procura os moradores para negociar o novo lugar para morarem eles disseram que,

“nóis queremos aqui em cima da pedra para ficar olhando para o rio o tempo todo... seja lá para onde que for mas eu quero ficar assim olhando o rio...” (Dona M. R. D. S.)

Os narradores “tendo visivelmente a presença do rio e da floresta, mesmo mantendo uma relação estreita de vida e de trabalho, o caboclo amazônico vê

maravilhas nas coisas” (SOUSA, 2002, p.86). Mais do que um simples elemento físico no espaço ribeirinho, o rio está presente na vida dos moradores, sendo atribuídos representações no momento em que vêem, sentem e expressam coisas maravilhosas e subjetivas referente a ele.

Isto ocorre porque “os seres humanos são os únicos entre os primatas que têm o sentido de lar com um lugar” (TUAN, 1983, p.15). Logo, movido pelo sentimento de lar ligado a um determinado lugar onde vivem, o sentimento de partida significa mais do que simplesmente mudar, podendo ser compreendido como a perda de parte do próprio ser. É um laço de afetividade entre o ribeirinho e o lugar, reforçado pela sensação de pertencimento deste último.

CONSIDERAÇÕES

A realização deste trabalho permitiu entrar em um mundo subjetivo da cultura ribeirinha e encontrar mecanismos de sobrevivência, organização e explicações de um modo de vida característico dos grupos ribeirinhos do Rio Madeira.

Uma vida despreendida de ambições consumistas com um tempo marcado pela relação subjetiva do ribeirinho com a mata e o rio caracterizando um modo de vida ribeirinho. No balançar de uma rede e nos

reflexos das águas, sobrevivem sem o “corre-corre” da vida urbana característica de capitais e cidades tipicamente urbanas.

Foi possível identificar e demonstrar uma relação afetiva do ribeirinho para com seu lugar espacializando suas experiências de vida por meio de sua fala. Ao apresentar o lugar do ribeirinho sendo interpretador e compreendido por sua cultura com uma organização e relações espaciais característica do grupo estamos possibilitando compreender um modo de vida marcado por simbolismos subjetivos que nos permitem dizer que o espaço ribeirinho é tão complexo e simbólico como todos os outros espaço de qualquer outro grupo social.

Estão tão próximos e ao mesmo tempo tão longe do centro da cidade. Não vivem isolados, frequentam tranquilamente Porto Velho, porém vivenciam esse modo de vida ribeirinho, onde, interpretando as “águas do rio” e percebe-se o rio como um elemento vivo, humanizado e representativo na vida de nossos narradores.

Ser ribeirinho significa ir além da concepção de morada na beira do rio, representa viver e reconhecer-se como tal, uma vida marcada pela relação homem, rio e mata, uma interação sócio-cultural

refletida nas representações ribeirinhas sociais e culturais.

Portanto, há uma inviabilidade de fazer generalizações, considerando as muitas localidades ribeirinhas, por mais semelhante que sejam suas construções espaciais são únicas dentre muitas influências. Essa situação movimenta espacialmente e cronologicamente o homem e no mundo. Evidenciando estas diferença deixa-se em aberto uma nova reflexão para a diversidade sócio-étnica-cultural dos seres humanos.

Por fim, agradece ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, em especial ao meu orientador e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq.

REFERÊNCIAS

HANNAH, Aredent, A condição humana. 8. ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do Território. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (orgs). Geografia Cultural: Um Século (3). Coleção Geografia Cultural. Rio de Janeiro, EduERJ, 2002.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro A. Pimenta. 3ª Edição. Florianópolis, Editora da UFSC, 2007.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998.

FIGUEIREDO, Expedita Fática Gomes de. Aspectos do Cotidiano nas Comunidades Ribeirinhas. In: SILVA, Josué da Costa Silva, SOUZA, Mariluce Paes de, FIGUEIREDO, Expedita Fática Gomes de, SOUZA, Lucileyde Feitosa & PEREIRA, Wilma Suely Batista (orgs). Nos Banheiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho, EDUFRO, 2002.

FRAXE, Terezinha J. P. Cultura Cabocla – Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade. São Paulo, Annablume, 2004.

FRÉMONT, Armand. A Região, Espaço Vivido. Trad. Antônio Gonçalves. Reivão & Antônio G. Mendes. Coimbra, Livraria Almeida, 1980.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. São Paulo, Copright, 1989.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião. Curitiba, IBPEX, 2008.

LIMA, Dário de Araújo. O Juízo reflexionante Kantiano e a Natureza Humana de Representar no Lugar. In: SERPA, Angelo (org). Espaços Culturais: Vivências, Imaginação e Representações. Salvador, EDUFBA, 2008.

LINTON, Ralph. O Homem: Uma Introdução à Antropologia. Tradução de Lavínia Vilela. 12ª Edição. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica: uma poética do imaginário. Belém, Cejup, 1995.

_____. A Arte como encantaria da linguagem. São Paulo, Escrituras, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 5ª Edição. São Paulo, Loyola, 2005.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças S. O Espaço Ribeirinho. São Paulo, Terceira Margem, 2000.

SILVA, Josué da Costa. Cuniã: Mito e Lugar. Dissertação, Universidade de São Paulo – USP. Mestrado em Geografia Humana, São Paulo, 1994.

SOUSA, Lucileyde Feitosa. Amazônia: uma poética do imaginário. In: SILVA, Josué da Costa Silva, SOUZA, Mariluce Paes de, FIGUEIREDO, Expedita Fática Gomes de, SOUZA, Lucileyde Feitosa & PEREIRA, Wilma Suely Batista (orgs). Nos Banheiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho, EDUFRO, 2002.

SAHR, Wolf-Dietrich. Signos e Espaço Mundos – A Semiótica da Espacialização na Geografia Cultural Humanista e cultural?. In: KOZEL. Salete, SILVA, Josué da Costa, GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs). Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Rio de Janeiro, Difel, 1980.

_____. Lugar e Espaço. São Paulo, Difel, 1983.

WAGLEY, Charles. Uma Comunidade Amazônica. Estudos do homem nos

trópicos. Tradução de Clotilde da Silva Costa. 3ª Edição. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1988.

WEBER, Max. Ensaio de Sociologia. Introdução e Organização H.H. Gerth e C. Wright Mills. Tradução de Waltensir Dutra. 5ª Edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.